

# AFETIVIDADE: POR UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADA E HUMANIZADORA<sup>1</sup>

ROSIMEIRI DE PAULA SPAGOLLA<sup>2</sup>

## Resumo

A escola é o espaço onde a intervenção pedagógica direcionada promove a produção do conhecimento. No entanto, tem priorizado o desenvolvimento da área cognitiva em detrimento à área afetiva, deixando lacunas na formação integral do indivíduo. Considerando que o homem é um ser que pensa e sente concomitantemente, o presente artigo discute a intrínseca relação entre afetividade e cognição a partir de elementos teóricos que evidenciam a influência da afetividade na aprendizagem e a relação interpessoal professor/aluno como um dos fatores determinantes na construção da autoestima e, conseqüentemente, na eficácia do processo educativo. Salienta-se ainda a necessidade do profissional da educação estar subsidiado teoricamente e em uma abordagem emocional/afetiva, bem como a importância da parceria entre escola e família, imbuídos na empreitada da construção de uma educação mais humanizada e humanizadora.

**Palavras-chave:** Afetividade. Educação. Humanização.

## Résumé

L'école c'est l'espace où; l'intervention pédagogique directioné fomenté la production de la connaissance. Néanmoins, il ya priorisé le développement de l'aire cognitif en détriment l'aire affectif. En laissent des lacunes à la formation intégral de l'individu. Prennent en compt que l'homme, c'est un être que pense et sent concomitamment. Le présent article débat l'intrinsèque rapport, affectivité cognition, désormais des éléments théoriques que évidence l'influence de l'affectivité dans l'apprentissage et le rapport interpersonnellement professeur élève comme un des facteurs que déterminent la construction de la auto-estime et conséquemment l'efficacité du process éducatif. Distingué encore la nécessité du professionnel éducateur d'être subsidé théoriquement et, dans une abordage émotionnelle affectif, ainsi que l'importance de l'engagement entre l'école et famille, imbu dans cette entreprise de la construction d'une éducation plus humanisée et humanisateure.

Paroles clef: Affectivité. Éducation. Humanization.

---

<sup>1</sup>Artigo científico produzido no Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. Secretaria de Estado da Educação – SEED. Orientador UENP: Professor Dr Antonio Carlos de Souza.

<sup>2</sup> Professora Pedagoga da Rede Estadual de Ensino do PR. Licenciada em Pedagogia e habilitada em Orientação Educacional pela UENP e Pós Graduada em Psicopedagogia. Email: rosimeiri\_spagolla@seed.pr.gov.br

## Introdução

“Que se destine meu aluno à carreira militar, eclesiástica ou à advocacia, pouco me importa. Antes da vocação dos pais, a natureza chama-o para a vida humana. Viver é o ofício que quero ensinar. Saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre; será primeiramente um homem.”

Jean Jacques Rousseau

O presente artigo é uma atividade conclusiva do PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional – da Secretaria de Estado do PR, cujo foco principal é a reflexão da qualificação da interação que ocorre entre os envolvidos no âmbito escolar, numa abordagem que traz a afetividade como elemento constituinte e essencial ao processo ensino-aprendizagem.

A partir da elaboração de um Plano de Trabalho, tendo como análise a relação entre professor/aluno/objeto do conhecimento e as implicações desta relação, foi produzido um Material Pedagógico no intuito de subsidiar o Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola, atividade essa, envolvendo a equipe diretiva, funcionários, professores, alunos e família, com vista ao estudo da temática proposta, buscando fundamentos teóricos para o debate sobre a afetividade como instrumento que remeta a escola a uma educação mais humanizada e humanizadora.

A educação para a humanização significa pensar e agir fundamentando-se em princípios éticos responsáveis, determinações políticas interventivas, criatividade estética sensibilizatória. Nesta direção, a humanização da educação e da escola é, ao mesmo tempo, processo e produto, nascida e conquistada num projeto de mútua determinação e radicais lutas de educadores transformadores. Como processo, é a ação diária nas escolas, nas aulas, nas reuniões, no trabalho pedagógico, para fazer valer os princípios da igualdade, da convivência fraterna, da reciprocidade, da solidariedade ativa, para a promoção de um mundo mais justo e humano. Como produto, é o espaço novo da educação do homem ativo, esperançoso, que aprendeu a viver junto aos seus semelhantes, na empreitada da formação e da produção social, da cultura, das relações humanizadas, ou seja, um espaço dotado de

características humanas livres, conscientes e responsáveis pelo destino individual e social.

O homem, antes de ser criado por uma abstração, é um ser vivo, um ser com necessidades e potencialidades materiais, além das dimensões de identidade e significação que a civilização e a cultura lhe conferem. Nesta direção é que o homem produz os seus meios de sobrevivência. E, neste fazer de si, dá origem ao seu autoprocesso de humanização e hominização da natureza. O homem define-se, pois, por esta capacidade material de produzir seus meios de sobrevivência material e de construir, a partir destes, uma grade de representação simbólica e institucional, que dá formas à sociedade e cultura aos ordenamentos ideológicos da vida social e aos produtos espirituais da prática social. Assim, os homens não nascem prontos, acabados, mas são constituídos em uma intrincada rede de inter-relações entre causas externas e internas de sua formação, evolução e produção social.

Tendo a escola a função de formar cidadãos pensantes, críticos e atuantes, entende-se a aprendizagem como um processo interativo, dinâmico e consequente entre sujeito/sujeito e sujeito/conhecimento. Muitos autores atuais apontam para o fim da escola. Já os profissionais da área, em contrapartida, reafirmam sua opção pela escola e educação formal como instituição social privilegiada de construção da igualdade. O saber escolar deve ser apropriado pelos educandos para promoção das qualidades inerentes à condição humana esclarecida. Paulo Freire (2008) afirmava que para a educação é imprescindível a formação de cidadãos críticos, ativos, sujeitos históricos que intervenham no processo de formação da sociedade. Esse processo comporta o domínio das formas que permitam chegar à cultura sistematizada. E por esse motivo já estaria justificada a importância da reflexão.

O ensino pautado pelos princípios e práticas humanistas propõe convocar a escola e a educação, seus agentes e interlocutores, abertos à formação da consciência crítica e da participação política solidária. Isto significa afirmar que a construção de um projeto pedagógico resistente e transformador exige o compromisso ético social dos educadores e administradores, na produção de uma concepção política democrática, buscando transformar as estruturas atuais da sociedade caracterizada pelas práticas individualistas e competitivas. Compreender este estado e pensar a sua superação requer coragem de propor uma educação e uma escola que supere a concepção educacional de formar para o trabalho, numa

dimensão estreita, pois se assume aí a integração da educação como fria produtora de mão-de-obra do mercado de trabalho da sociedade consumista atual.

Uma dimensão fundamental de uma educação humanizada e humanizadora induz a necessidade de rever os métodos, procedimentos pedagógicos que, muitas vezes restringem os conteúdos escolares e o processo pedagógico à dimensão cognitiva, esquecendo-se de que o homem é um ser, cuja intelectualidade e emoção fundem-se trazendo implicações no desenvolvimento educativo. Uma educação intelectualista, em que o objetivo principal seja o cumprimento do programa curricular, ignorando o indivíduo em sua totalidade, poderá deixar lacunas irreparáveis na formação integral do mesmo, uma vez que uma verdadeira aprendizagem não se restringe à transmissão ou apropriação de saberes conceituais. Neste sentido, GALVÃO (2008, p. 89) afirma que:

Ao contrário do que propõe a tradição intelectualista do ensino, uma pedagogia inspirada na psicogenética walloniana não considera o desenvolvimento intelectual como a meta máxima e exclusiva da educação. Considera-a, ao contrário, meio para a meta maior do desenvolvimento da pessoa, afinal, a inteligência tem status de parte no todo constituído da pessoa.

A aprendizagem inicia-se no contexto concreto da vivência social da família, com todas as suas contradições, passando pelos ambientes escolares e por todo o ciclo vital. Neste movimento, dá-se a dinâmica entre o racional e o emocional, o afetivo e o sentimental, fundamentos básicos de uma aprendizagem relacional, necessários para a produção e apropriação do conhecimento. Oliveira; Rego (2003), fundamentadas na teoria de Vygotsky, afirmam que o ser humano aprende por meio do legado de sua cultura e na interação com outros humanos, sendo o aprendizado sobre emoções e afetos iniciado nos primeiros dias de vida, perdurando por toda a sua existência.

Para Vygotsky (1996), quando se compreende a base afetiva da pessoa é que é possível compreender o pensamento humano. Ou seja, as razões que impulsionam os pensamentos, encontram suas origens nas emoções que as constroem. Evidenciam-se, portanto, a mútua relação entre as esferas afetivo/cognitivas, influenciando-se no processo evolutivo do conhecimento.

Sendo assim, as interações que ocorrem no âmbito escolar são pontuadas pela afetividade e é fundamental estimular a busca de mecanismos que viabilizem

uma mediação afetivo-motivadora, uma vez que a afetividade habilita a pessoa a olhar para o outro, valorizando-o e instigando elementos como a autoestima, fator essencial para a aprendizagem e, conseqüentemente, ao desenvolvimento das potencialidades do sujeito.

Pensar numa educação que requer um novo olhar para o aluno, no sentido da compreensão da pessoa completa, sugere lembrar que a escola não é participante única do processo de construção do indivíduo. Propõe-se, portanto, preconizar uma parceria entre escola e família, uma vez que os pais são a base referencial do saber do indivíduo. Neste sentido, Capellato; Moisés; Minatti (2006) afirmam que ter a família inserida no âmbito escolar é um suporte valioso aos professores. É decisão da escola abrir os portões à comunidade, com toda a sua complexidade, assumindo a responsabilidade de ser uma referência na sociedade ou ser uma simples prestadora de serviços. Se a escola não se unir às famílias no intuito da educação afetiva quando na infância de seus alunos, terá de fazê-la no futuro com problemas potencializados na adolescência. É um desafio que está nas mãos dos educadores ajudarem os pais de uma cultura fragmentária e contraditória a semear nos seus filhos a base emocional onde se estruturam as atitudes.

Nesta perspectiva, pressupõe-se a escola como um espaço de reflexão, fomentando discussões acerca de sua função no movimento de construção e transformação da sociedade, empenhada no compromisso de ampliar o alvo de abrangência pedagógica, atingindo elementos sólidos na proposta da constituição integral da pessoa, como sujeito de si mesmo e da sociedade.

## **A ABORDAGEM DA PESSOA COMPLETA – CONTRIBUIÇÕES DE HENRI WALLON**

Na interação entre os envolvidos no âmbito escolar, efetiva-se a qualificação da relação que se estabelece entre o indivíduo e o objeto de conhecimento. Portanto, a natureza da mediação dessa relação é um dos principais fatores determinantes na aquisição do conhecimento, e o grande desafio do professor é perceber o aluno em sua realidade, singularidade e totalidade. Propõe-se não mais pensar a pessoa fragmentada, não apenas como sujeito da aprendizagem, cuja

meta principal seja a intelectualidade, mas o desenvolvimento da pessoa em suas várias vertentes.

Contrariando a educação tradicionalista onde se prioriza a inteligência e o sucesso acadêmico, para Henri Wallon<sup>3</sup>, em sua teoria do desenvolvimento, a cognição é centrada na psicogênese da pessoa contextualizada, pressupondo a educação numa abordagem mais humanizada. Para ele, entender o desenvolvimento humano é primeiramente compreender a construção psíquica da criança. Semelhante a Piaget, pesquisou a análise genética do desenvolvimento psíquico. No entanto, Piaget priorizava a gênese da inteligência e Wallon a gênese da pessoa.

Quanto aos estágios de desenvolvimento da criança, Galvão (2008), em uma análise walloniana, aponta que os aspectos físicos do espaço, as pessoas, a linguagem e os conhecimentos próprios de cada cultura, formam o contexto essencial para o desenvolvimento humano e, conforme a disponibilidade da faixa etária, a criança interage mais fortemente com um ou outro elemento do meio, extraindo recursos para a sua formação. O ritmo pelo qual se sucedem as etapas de cada fase da criança é descontínuo, marcado por rupturas, contradições e conflitos, resultado da maturação e das condições ambientais, provocando alterações no seu comportamento em geral. Crises e conflitos instalam-se nesse processo e são de origem exógena, quando resultantes dos desencontros entre a ação da criança e o ambiente exterior, estruturado pelos adultos e pela cultura. E conflitos de natureza endógena, quando gerados pelos efeitos da maturação nervosa. Na perspectiva walloniana, esses conflitos são propulsores do desenvolvimento humano, e o papel da afetividade nos diferentes estágios deste desenvolvimento sucedem-se em fases com predominância afetiva e cognitiva. São eles:

**Impulsivo-emocional** (0 a 1 ano). O colorido peculiar dessa fase é dado pela emoção; elemento de interação entre a criança e o meio. A predominância da afetividade orienta as primeiras reações do bebê às pessoas, as quais intermediam sua relação com o mundo físico; Uma afetividade impulsiva se expressa por gestos, mímicas, posturas e se nutre pelo olhar e pelo contato físico.

---

<sup>3</sup> (1879-1962) parisiense, médico, filósofo e psicólogo.

**Sensório-motor e projetivo** (1 a 3 anos). A aquisição da marcha e da preensão, dá à criança maior autonomia na manipulação de objetos e na exploração dos espaços. Também nesse estágio, ocorre o desenvolvimento da função simbólica e da linguagem. O termo projetivo refere-se ao fato da ação do pensamento precisar dos gestos para se exteriorizar. O ato mental "projeta-se" em atos motores.

**Personalismo** (3 a 6 anos). A tarefa central é o processo da formação da personalidade. Nesse estágio desenvolve-se a construção da consciência de si mediante as interações sociais, reorientando o interesse das crianças pelas pessoas; a afetividade do personalismo incorpora os recursos intelectuais desenvolvidos ao longo do estágio anterior. É uma afetividade simbólica que se exprime por palavras e ideias e que, por este meio, pode ser nutrida. A troca afetiva dispensa a proximidade física da pessoa, podendo dar-se a distância.

**Categorial** (6 a 11 anos). Nessa fase, a criança experimenta grandes avanços no plano da inteligência, os progressos intelectuais dirigem o interesse dela para as coisas, para o conhecimento e conquista do mundo exterior. A afetividade torna-se mais racionalizada.

**Puberdade e adolescência - Predominância funcional** (11 anos em diante). Ocorrem novas definições dos contornos da personalidade, desestruturados devido às modificações corporais resultantes da ação hormonal. Questões pessoais, morais e existenciais são trazidas à tona, numa retomada da predominância da afetividade.

Galvão (2008) enfatiza que, na sucessão de estágios, há momentos predominantemente afetivos e outros predominantemente cognitivos. É o que a teoria Walloniana chama de conceitos de predominância funcional. O predomínio de caráter intelectual corresponde às etapas em que a ênfase está na elaboração do real e no conhecimento do mundo físico. A dominância do caráter afetivo, e conseqüentemente, das relações com o mundo humano, correspondem às etapas que representam a construção do eu, sendo que a afetividade e a cognição se mantêm em comunicação:

Apesar de alternarem a dominância, afetividade e cognição não se mantêm como funções exteriores uma à outra. Cada uma, ao reaparecer como atividade predominante num dado estágio, incorpora as conquistas realizadas pela outra, no estágio anterior, construindo-se reciprocamente, num permanente processo de integração e diferenciação (GALVAO 2008, p.45).

Neste sentido, Wallon (1971) se refere à afetividade e à inteligência como um par inseparável ao desenvolvimento humano. Sua teoria preconiza elementos que se interagem o tempo todo, como a afetividade, a inteligência, o movimento e a formação do eu como pessoa; enfatiza a escola como um espaço que deva assumir uma postura que integre a razão e a emoção, numa lógica que compreenda as necessidades afetivas da criança.

As idéias, princípios e características, que compõem a teoria do desenvolvimento de Henri Wallon, são sugestões de pesquisa e análise para aprofundamento teórico que contribuirá substancialmente à compreensão do desenvolvimento da constituição da pessoa, pressupondo valiosos instrumentos para a reflexão de como a escola pode desencadear múltiplas possibilidades para enriquecer o processo ensino-aprendizagem, suscitando novas formas de pensar a educação.

## **A AFETIVIDADE E O PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO**

A afetividade se manifesta através de comportamentos posturais e verbais e vai ganhando complexidade à medida que o indivíduo vai se desenvolvendo.

Sendo assim, a comunicação afetiva deve fluir em consonância com a faixa etária do indivíduo e as necessidades de cada fase, pressupondo um relacionamento que favoreça ambientes de diálogo, de partilha, de confiança e de valorização de suas contribuições, vitalizando sua autoestima. Assim, CODO (1999, p.50), explica que:

Se essa relação afetiva com os alunos não se estabelece, se os movimentos são bruscos e os passos fora do ritmo, é ilusório querer acreditar que o sucesso do educar será completo. Se os alunos não se envolvem, poderá até ocorrer algum tipo de fixação de conteúdos, mas certamente não ocorrerá nenhum tipo de aprendizagem significativa; nada que contribua para a formação destes no sentido de preparação para a vida futura, deixando o processo ensino-aprendizagem com sérias lacunas.

Posto que em uma pedagogia afetiva, cujo foco seja o aluno como ser que pensa e sente concomitantemente, não sugere uma educação permissiva e sim uma



educação em que a relação entre os envolvidos seja de respeito, confiança e cumplicidade. Para isso, concorre também o exercício da autoridade do professor e sua atitude educacional no sentido de uma análise crítica sobre as relações moralistas, preconceituosas, discriminatórias e autoritárias. Muitas vezes, por ausência de uma formação emocional/afetiva, nossos professores tendem a enxergar o erro ao acerto.

Junto à autoridade docente está a responsabilidade. O professor deve se sentir responsável pelo aluno. Se o aluno se sente importante, atraído e acolhido pela escola, inserido em um espaço em que se estabeleça limites e responsabilidades, haverá uma grande possibilidade de se sentir seguro e desenvolver um comportamento recíproco de respeito.

É imprescindível, que o educador preocupe-se em promover relações cooperativas entre os educandos, tendo assim a consciência de seu papel de facilitador da aprendizagem; rompendo com posturas tradicionalistas; adequando-se ao momento histórico e priorizando relações que estimulem a aprendizagem como uma ação prazerosa, e que possa o aluno exercer, já no espaço escolar, sua participação cidadã.

Ao lado destes fundamentos, é necessário refletir a respeito do profissional da educação que precisa estar alicerçado emocionalmente, num contexto escolar afetivo, subsidiando-o através de elementos teóricos, com abordagem na dimensão da afetividade e dinâmicas de grupo, onde todos os envolvidos no processo educativo possam interagir entre si, desenvolvendo sua autoconfiança, para que sinta e aceite o valor de si mesmo e do outro.

A escola deve, portanto, ser uma organização que efetivamente ensina e aprende, preocupando-se com a formação profissional e que inclua em sua visão educacional a dimensão emocional e afetiva como fundamental para o desenvolvimento do aluno. Entretanto, eventualmente, o profissional da educação não recebe a devida valorização, porém, sabemos o quanto é importante a sua ação e postura educativa no ambiente escolar. Postura essa que se concretiza através de palavras, atitudes necessárias e responsáveis na formação de um sujeito eticamente responsável, politicamente participativo e esteticamente criativo.

Deste modo, contribuir afetivamente com os alunos é não se portar com indiferença à presença e às diversas manifestações dos mesmos. É trabalhar em prol da constituição do ser humano no sentido de que venha a se desabrochar em

todos os aspectos; é transitar nas diferenças e compor estratégias de ação educacional não somente na premissa de que o indivíduo seja futuramente um eficiente profissional no mercado de trabalho, mas alguém que perceba a porta de oportunidades que a escola e a vida podem lhe oferecer em todos os sentidos.

A mídia diariamente jorra discursos vazios, banais, fantasiosos, embrutecendo e tão pouco contribuindo para a formação de valores nos jovens. Na contramão destes discursos, quão estimulante é a presença de profissionais comprometidos com a escola, que motivem e guiem nossos alunos por caminhos de desafios e realizações, que celebrem o verdadeiro valor da vida, enfatizando a importância do ser em detrimento do ter.

Quantas pessoas guardam em suas memórias palavras e lembranças de seus mestres queridos, verdadeiros ensinamentos e gestos que marcaram suas vidas. Marcas que vitalizaram seu percurso diário. E que a escola seja essa marca; fonte de sabedoria, consciente do potencial de construção e reconstrução; humilde para aceitar o muito que ainda tem a aprender, afinal educação se faz ensinando/aprendendo e vice versa.

[...] só ensinará realmente a aprender aquele que aprende de seu ensinar, isto é, aquele que submete à reflexão e crítica permanentes seu exercício de ensino para transformá-lo também em exercício de aprendizagem. (ESCLARIN 2004, p.192)

Dentre as atividades realizadas no PDE - Programa de Desenvolvimento Educacional, foi oportunizada a intermediação do Curso: Grupo de Trabalho em Rede – GTR, com o tema Afetividade e, neste contexto, considera-se pertinente transcrever neste espaço os depoimentos de duas professoras pedagogas participantes que enfatizam a relevante contribuição de todos os cursistas, de diversas escolas do PR, no debate sobre a afetividade.

*“Participar do GTR, foi para mim, uma experiência muito gratificante. O tema Afetividade vem ao encontro das minhas convicções. Sempre acreditei que a educação só pode ser eficiente e eficaz em um ambiente que promova vínculos afetivos entre o educador e o educando. Logicamente que relações humanas são complexas por tratar com a heterogeneidade, porém ninguém resiste a um tratamento amoroso. Nas experiências cotidianas com alunos e professores, em*

*diferentes situações de conflito, fica claro que uma abordagem afetiva desarma corações "duros" e maximiza os vínculos com os objetos de aprendizagem. Já é tempo de se estabelecer um novo olhar sobre as relações que se articulam na escola. Os seres humanos com os quais lidamos diariamente pedem de nós, educadores, este novo olhar: a afetividade mostra-se como instrumento de transformação em nossa ação pedagógica. Não dá para prescindir de recurso tão relevante. Está mais que comprovado: o aluno aprende de quem outorga a ele confiança e respeito, por se sentir aceito e valorizado. "Quem tem ouvidos, ouça!", diz o nosso grande Mestre Jesus Cristo. É muito bom saber que existem tantos educadores, em diferentes lugares, que sonham o mesmo sonho de construir uma escola mais "humanizada e humanizadora". Somos seres humanos e carregamos o peso das nossas limitações. Acredito que, assim como devemos ter um olhar sensível para a carência dos nossos alunos, qual seja a sua dimensão, devemos ter um olhar complacente também com nossos professores em suas dificuldades de estabelecer relações mais amigáveis e afetivas. Penso que é próprio do pedagogo ter uma percepção mais refinada nesse sentido. Claro que também temos as nossas dores e nossas limitações, mas nada que o enorme retorno que temos de nossos alunos não nos faça superar, ou ainda, quantos momentos de desânimo não foram suavizados pelo carinho que recebemos e por uma palavra amiga. Com certeza não vamos mudar o mundo. É importante estarmos atentos, ganhar a confiança do colega, ouvir o que ele tem a dizer, sermos generosos. A generosidade sincera desarma corações fechados. Um abraço carinhoso."*

*Ângela Maria Mastelini Moyses*

*Professora Pedagoga do Colégio Estadual Barbosa Ferraz*

*Ivaiporã, PR*

*"Percebemos que ainda não são muitos os que realmente assumem uma postura voltada a uma educação humanizadora. Penso que o fortalecimento das relações afetivas entre professores e alunos contribui para o melhor desenvolvimento do processo educativo de forma que só temos a ganhar. Quando "olhamos" para o aluno em sua totalidade, quando "perdemos" tempo voltando a atenção ao desenvolvimento da personalidade do aluno, entendemo-lo como sujeito em construção e por isso em constante transformação. Precisamos buscar a reorganização de saberes de forma crítica e reflexiva para que possamos enfrentar e*

*minimizar os problemas da humanidade nesta época de intensas e aceleradas transformações. Acredito, pois que essa reorganização deve centrar-se na formação da pessoa, na formação do ser. Estamos vivendo uma crise global profunda, onde o vazio existencial e afetivo, provocado pela manipulação e desmandos, favorece a miséria, a violência, o medo, a insegurança, resultado da fragilidade das relações e dos valores humanos. Basta acompanharmos por alguns momentos, noticiários de jornais, publicações em revistas, quando focam tragédias que tomam conta das massas, e que são, em sua maioria, oriundas de comportamentos onde se evidencia a ausência de valores desta natureza. É nesse sentido que vejo a importância educativa de voltarmos olhar para uma educação humanizadora, procurando entender o nosso aluno como pessoa, preocupados sim, em contribuir para a sua emancipação como cidadão pela apropriação do saber elaborado, mas, mais do que isso, que seja capaz de utilizar-se desses conhecimentos em benefício de uma vivência pacífica e humana. Dessa forma, o conversar, o dialogar, o ensinar e o aprender ganham um contorno novo e os afetos contribuem para isto . É na escola que a criança e o adolescente procuram buscar o atendimento de algumas de suas necessidades afetivas. Por isso é importante que na relação entre professor-aluno, sejam levados em consideração tanto os aspectos cognitivos quanto os aspectos afetivos desta relação, pois como afirma Sampaio (2007), Os problemas humanos não se resolvem no nível da racionalidade, mas no nível afetivo. Acredito ainda, que a partir do momento que os educadores passarem a conhecer, ao menos um pouco mais, acerca do desenvolvimento do ser humano e da influência de uma ação baseada em afetividade, sem prejuízo da apropriação do conhecimento, muitos serão partidários de uma educação humanizada e humanizadora. A afetividade é a base da vida. Sem ela o ser humano terá sua ação como ser social comprometida, sem força, sem expressão, sem sentido. Vivemos num mundo esquecido da dimensão valorativa, do sentimento, da emoção, da espiritualidade, da qualidade de vida, arrastados pelos padrões que nos são impostos. A visão unilateral, fruto do desenvolvimento científico voltado para a racionalidade e objetividade, visão conteudista, gera a alienação e a fragmentação do conhecimento. É comum em nossos dias, vermos de forma ilusória o mundo, em partes isoladas e fragmentadas e isto tem separado os homens uns dos outros e levado a uma visão desconexa para um cruel sistema competitivo. Lutamos uns contra os outros... Muitas vezes, olhamos apalermados e assustados as cenas e fatos desumanos nos noticiários...*

*Então, onde será que tudo isso começa? Como se explicam tais comportamentos senão pelo viés dos sentimentos, emoções, valores, ou pela falta destes? Afirmando com tais questionamentos, o quanto acredito que a dimensão afetiva é fundamental nos relacionamentos, mais ainda, no trabalho educativo. Daí a importância de, enquanto mediadores do processo, trabalharmos difundindo a ideia de uma formação integral, que ultrapasse o âmbito do "ensinar" e "transmitir" conteúdo.*

*Um abraço afetuoso a todos! “*

*Laura Silvani Basso*

*Professora Pedagoga do Colégio Estadual Dr. Claudino dos Santos*

*Ipiranga, PR*

## **AFETIVIDADE E AUTOESTIMA**

Os alunos não adentram os espaços escolares deixando suas emoções e sentimentos “fora da bagagem que carregam” e muitas vezes buscam um olhar interessado, afetuoso, para seus anseios acadêmicos, seus conflitos diários, etc. Enfim, esperam um olhar profissional, mas também amigo. Esta relação é tão histórica que faz parte dos provérbios bíblicos: “Um amigo encontra doçura no conselho cordial.”

Este princípio é importante, pois eventualmente nossos alunos são frutos de ambientes conflituosos, sendo que a ausência de afeto, a indiferença e a violência se fazem presentes no cotidiano familiar, contribuindo para uma autoestima fragilizada, permeada de negativismo e de insegurança.

A palavra estima se origina do latim “*aestimar*” que significa apreço, valor, afeição, gostar de apreciação favorável de uma pessoa ou de uma coisa, amizade, consideração. É o sentimento e a visão que o sujeito tem de si mesmo, uma experiência íntima de autoconstrução; ela está aliada ao entusiasmo e é uma importante condutora dele na autorrealização e no bem estar.

As experiências cotidianas exercem influências consideráveis na autoestima. Situações de perda, frustrações, o não reconhecimento pelo que se faz, pelo que se é, críticas negativas, comentários depreciativos, entre outros fatores, contribuem

para a baixa autoestima, gerando insegurança, dúvidas, negativismo, inibindo a relação positiva com o meio e o prazer de extrair o melhor da vida.

VYGOTSKY (apud Oliveira, p.76), destaca que:

O pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto, e emoção. Nesta esfera estaria a razão última do pensamento e, assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo volitiva.

Quantas vezes, no caminhar diário, deparam-se com pessoas sem esperanças, sem vontade de viver, frustradas em algumas áreas de suas vidas por terem se sentido incapazes de agir e ousar em prol de si mesmas. Não planejam, não traçam metas, achando-se incompetentes na realização de seus projetos. Alunos que não enxergam suas potencialidades e nem mesmo são induzidos a tal prática, se conformando com a própria sorte.

E nesta realidade é preciso trabalhar a autoestima como um elemento essencial na efetuação da aprendizagem, uma vez que, através dela, a probabilidade de êxito é superior ao fracasso. A autoestima capacita o indivíduo a acessar os saberes necessários à sua reflexão/ação, a expressar suas necessidades, colocando-se como merecedor de uma vida promissora. Processa-se este sentimento através de uma prática pedagógica onde há a inclusão da afetividade, vitalizando a visão positiva da pessoa em relação a ela mesma.

O homem tem capacidade extraordinária de criar, de transformar, de se reinventar a cada dia, pode decidir o que quer, e o que é, pois possui o livre arbítrio. Precisa, portanto, sentir-se capaz de amar, pensar, agir, enfrentar conflitos e perdas, realizar projetos, transformando carências e inseguranças em desafios e superação, e sonhos em realidade.

Partindo da premissa de que o ser humano é um conjunto de realidades e potencialidades, imbuído de valores incalculáveis, capacitado a construir coletivamente um mundo mais humano e mais afetivo, daí a necessidade de que se incorporem à educação estratégias de ação que se contemplem dinâmicas de autoconhecimento, inserindo assuntos de interesse aos alunos e atividades intencionadas, no intuito da formação de uma autoestima equilibrada e na busca da

construção da autonomia para que possa crescer como pessoa empenhada a empreender o próprio futuro.

## **FAMÍLIA E ESCOLA – A NECESSIDADE DE UMA PARCERIA**

A família que, reunida a outros segmentos da sociedade, forma a grande teia social, proporciona à criança a estrutura de um caráter positivo ou não, sendo norteadora das condições necessárias ao desenvolvimento da criança. Existem momentos próprios para a realização de determinadas aquisições, conforme o desenvolvimento de maturação a criança.

Referindo - se à importância da família na constituição da criança, GOLEMAN (1996, p.204), afirma:

A vida familiar é nossa primeira escola de aprendizado emocional; nesse caldeirão íntimo aprendemos como nos sentir em relação a nós mesmos e como os outros vão reagir a nossos sentimentos... Esse aprendizado emocional atua não apenas por meio das coisas que os pais fazem ou dizem diretamente às crianças, mas também nos modelos que oferecem para lidar com os próprios sentimentos... Alguns pais são professores emocionais talentosos, outros atozes.

Neste sentido, evidencia-se a importância da presença da família na vida escolar do aluno, pois é nela que o mesmo encontra pré-requisitos para a aprendizagem e referenciais de identificação. No entanto, muitas vezes a família tem se omitido da responsabilidade de educar e instruir seus filhos, transferindo tal responsabilidade à escola. Justificam que trabalham cada vez mais, não dispendo de tempo para cuidar dos filhos. Além disso, acreditam que educar em sentido amplo é função da escola, comprometendo a construção de vínculos que, bem tecidos, possibilitariam o suporte da aprendizagem. Nunca na escola se discutiu tanto quanto hoje assuntos como falta de limites, desrespeito na sala de aula, indisciplina, desmotivação, etc. E os sentimentos de impotência e frustração, frente a essas situações eventualmente estão presentes na tarefa docente.

Deparam-se ainda com situações de ausência de apoio ou participação da família na escola, por motivos como, alguns pais que não tiveram acesso à escola,

por fatores econômicos, desinteresses e outros, concebendo-a apenas como um passaporte profissional, ou, nem mesmo acreditando na ascensão social, uma vez que alcançaram certo poder econômico sem a necessidade educativa.

Uma vez que a escola também contribui significativamente à formação da personalidade do indivíduo é necessário a articulação entre família e escola, e que a família esteja inserida no contexto educacional no sentido da compreensão da verdadeira função da educação escolar.

No trabalho de Implementação do Projeto Pedagógico na Escola, parte das atividades propostas no Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, em uma conversa com a mãe de dois adolescentes e uma criança, ambos em idade escolar, quando questionada a respeito da importância da escola, relatou o seguinte:

*“Penso que cada aluno tem um ritmo de aprendizagem, e infelizmente na escola todos são tratados iguais sem que sejam vistas suas particularidades e dificuldades de aprendizagem. Conforme minhas crianças vão crescendo, percebo desinteresse, agressividade e violência no comportamento, talvez próprio da idade, ou por causa do convívio escolar, não sei... Sei que para os professores não é fácil lidar com tantos alunos em uma só sala e com diversos problemas, principalmente a partir da 5ª série (6º ano), onde são vários professores para uma turma; parece que os mesmos não têm tempo suficiente de olhar para as crianças como pessoas que têm muito o que aprender da vida e que são ainda crianças e adolescentes, aliás, as vezes parece que são tratados como se já fossem adultos. Sei que os professores são ótimos, mas na verdade gostaria de ver um resultado maior da parte da escola e minha também. Deveríamos nos unir para que nós, pais, pudéssemos ser auxiliados no sentido de mais compreensão de como ajudar os nossos filhos, para que eles aprendam melhor e se tornem pessoas dignas e melhores. Afinal o que seríamos de nós sem a escola?”*

*Maria Zuleide Lopes – 37 anos*

*Santa Mariana – PR*

Evidencia-se, portanto, a necessidade de atividades que promovam e estimulem a presença da família na escola, e a função pedagógica nesta relação não deve se limitar a orientar a família quanto aos programas curriculares desenvolvidos ou problemas comportamentais e de aprendizagens. Sobretudo,



demonstrar como a família e a escola podem colaborar no resgate e na formação de atitudes e valores que, somados, podem enriquecer o processo de aprendizagem e o desenvolvimento do aluno, cada qual exercendo a sua função e se unindo numa parceria mútua de ajuda.

## **É PRECISO ENSINAR A AMAR**

“O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.”

Fernando Pessoa

A afetividade produz a solidariedade, a generosidade, a compaixão e a capacidade de amar. Ameniza a dor e aponta caminhos mais sublimes.

Toda pessoa é dotada de sentimentos que a capacita a agir afetuosamente, mas que, muitas vezes encontram-se cristalizados em virtude de um mundo que se torna cada vez mais violento e com seres humanos insensíveis. Protejam-se o processo de amar, não permitindo que tal sentimento venha romper barreiras e florescer em atitudes que fariam a diferença em muitas vidas e na própria história.

Vive-se “o amar uns aos outros” quando o amor não exige um grande esforço. É mais fácil amar o ser inteligente, responsável, o “dito normal” pela sociedade, o que não discute regras e o que não contraria nossos conceitos. É mais fácil amar o sujeito passivo e educado.

Refletir sobre práticas afetivas exige sensibilidade, um coração generosamente humano, desprovido de violência e preconceitos que degradam relacionamentos. Requer contemplar o “ser real” e não “ideal”.

Em uma sociedade, cujo cenário traz como discurso o individualismo, e a competição impera nos relacionamentos, torna-se urgente educar com afetividade, trazendo à tona sentimentos e tantos valores esquecidos. Faz-se necessário reavivar temas que estimulem a esperança de um futuro melhor e expectativas que retratem o verdadeiro significado da essência humana.

Muito se fala em formar líderes, pois cabe ressaltar que a maior liderança<sup>4</sup> existente discipulou doze pessoas, de diferentes níveis sociais e culturais, no intuito de, através delas, difundir suas idéias e ensinamentos, que há dois mil anos abrangem todo o universo. E a maior característica expressa em sua missão foi o amor; elemento-chave para se viver harmoniosamente e confrontar corações endurecidos, sendo em seus preceitos, este sentimento não somente uma possibilidade ou uma opção para a humanidade, mas um mandamento. Seus princípios priorizam a edificação à destruição; a humildade à arrogância; o ouvir ao falar, o lançar as sementes à somente colher, e estabelece o cultivo do amor incondicional: “Amar o próximo como a si mesmo.”

Visto que o professor, como em nenhuma outra profissão, influencia consideravelmente a construção do homem, é preciso amar a tarefa de ensinar. É isso... precisa-se de gente que ama, construtores de um mundo melhor, que perceba o outro, além de suas limitações e que escreva coletivamente histórias de desafios e conquistas. Gente que compreenda que não há vitórias sem lutas; que a felicidade se percebe após experimentar os dissabores e as turbulências da vida. Gente que tenha a humildade e a sensibilidade de compreender que todos nós erramos e o erro, muitas vezes, é o processo do acerto; que a intolerância gera injustiça; a tolerância gera a paciência e a paciência nos torna mais sensíveis e mais humanos. Gente que não seja contaminada por indivíduos que ridicularizam a busca de um mundo mais humanizado.

Que em tudo haja uma lição e a do afeto seja interpretada nas entrelinhas da vida, sendo apreendida e disseminada. No entanto, “ninguém dá o que não tem” e o mundo reclama da urgência em amar e ensinar a amar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Fatores biológicos, emocionais, afetivos e sociais integram-se na formação do eu e cada ser é único e, ao mesmo tempo, parte do outro, uma vez que age em função da percepção que tem de si mesmo, do próprio mundo e da reação na

---

<sup>4</sup> Jesus Cristo

relação com o outro, ou seja, na fusão do eu consigo mesmo, com o ambiente e com o outro, apresenta-se a pessoa, em processo permanente de construção.

E nesta fusão da constituição humana ocorrem os níveis de aprendizagem que se perpetuam no ser. Aprendizagens que constantemente são elaboradas e reelaboradas. Diante disto, a escola deve-se atentar para a importância da sua função como intermediadora e formadora de cidadãos. Propõe-se, portanto, ressignificar a educação, estabelecendo uma conexão com as expectativas do aluno, considerando sua realidade histórico-cultural, bem como a relação afetivo/cognitiva e sua movimentação no processo de aquisição de conhecimento.

Paralelamente ao conhecimento teórico deve suscitar a sensibilidade, a reflexão sobre as diversas formas no ensino-aprendizagem que levem a enxergar o aluno na sua concretude e totalidade.

Considerando ainda, que a família e a escola são as personagens principais na participação do emaranhado da construção do ser humano, trazer a família para o “chão da escola” é uma decisão que poderá trazer conflitos ao âmbito escolar, uma vez que apresentarão pessoas com diferentes saberes e perfis. Infelizmente a escola se sente deficiente na relação com a heterogeneidade, uma vez que insiste na lida com alunos na homogeneidade. No entanto, é necessária a união entre escola e família, uma vez que a proximidade da família no âmbito escolar poderá proporcionar melhor segurança e subsídios à missão de educar os filhos. À essência de um trabalho conjunto e de cumplicidade entre escola e família bem estruturado, pode-se chamar educação afetiva, uma vez que descortinarão conflitos, ansiedades e tantos outros sentimentos pertinentes à discussão da formação do indivíduo, na meta de uma plataforma do desenvolvimento de valores substanciais que deem suporte a uma educação afetivamente solidificada.

A escola nem sempre se sente capacitada a realizar tudo que almeja, a enfrentar o novo, o diferente, principalmente no que tange a uma pedagogia que esteja também focada na área emocional. Resistência a novos horizontes no conhecimento, novas alternativas de ação e metodologia fragmentada contribuem para o “analfabetismo emocional”. Neste sentido, Paulo Freire (2008 p. 35) menciona que: “Ensinar exige risco, aceitação ao novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.”

Posto que, se houver uma percepção mais ampla do universo do aluno, uma reavaliação de atitudes metodológicas em uma direção facilitadora que não iniba a

apropriação dos objetos culturais e que possibilite a promoção da formação integral do ser humano, provavelmente nossos alunos serão impactados pela complexa dinâmica de formação e transformação pessoal, contribuindo para uma sociedade mais justa, igualitária, humanizada e humanizadora.

## REFERÊNCIAS

- ARANTES, V. A. (Org.) **Afetividade na escola**: alternativas teóricas e práticas. 2 ed. São Paulo: Summus Editorial, 2003.
- CAPELATTO, I; MOISÉS, D; MINATTI, A. **Prepare as crianças para o mundo**. São Paulo: ed. Dos autores, 2006.
- CODO, W; GAZZOTTI, A. A. **Trabalho e afetividade**. In: CODO, W. (coord.) Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- EXUPERY, A. S. **O Pequeno Príncipe**. 48 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2003
- ESCLARÍN, P. A. **Educar para humanizar**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários a prática educativa. 37 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- GALVÃO, I. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. 2 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- LA TAILLE, Y; OLIVEIRA, M. K; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus Editorial, 1992.
- OLIVEIRA, M. K; REGO, T. C. apud ARANTES, V. A. (Org.) **Afetividade na escola**: alternativas teóricas e práticas. 2 ed. São Paulo: Summus Editorial, 2003.
- SNYDER, G. **A alegria na escola**. São Paulo: Manoele, 1988.
- VYGOTSKY, I. S. **Teoria e Método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.
- \_\_\_\_\_. **As Origens do Caráter na Criança**. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1971.